

# Presidente tenta uma conciliação

por Mariângela Hamu  
de Brasília

Um cuidadoso exame dos dados selecionados pelos computadores do Palácio do Planalto, na última sexta-feira, devolveu ao governo a esperança de conquistar sua mais importante vitória nesta semana decisiva, em que o plenário da Constituinte deverá definir o sistema de governo e a duração do mandato do presidente da República.

Os números oficiais indicam a vitória do mandato de cinco anos para o presidente Sarney e seus sucessores e do presidencialismo, como quer o governo, mas esse otimismo contrasta com o resultado de várias pesquisas patrocinadas por políticos de tendências diversas junto aos constituintes, as quais garantem a vitória do sistema parlamentarista e do mandato de quatro anos.

O chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, acredita que há um erro de avaliação e que a "impressão" de que a tese dos qua-



Jarbas Passarinho

tro anos sairá vitoriosa é resultado de "um lobby bem feito, só isto". Feitas as últimas contas, o governo convenceu-se de que as 319 assinaturas de apoio à emenda do deputado Mathews Iensen, que fixa o mandato em cinco anos e que poderá ser votada nesta semana, asseguram a vitória do presidente Sarney.

Esses números, apresentados no mesmo dia ao presidente Sarney, foram festejados e devolveram ao chefe de governo segurança e otimismo, segundo informou a este jornal um assessor presidencial. O mesmo assessor lembrou o "tom ameno" das palavras do presidente da República, em seu último programa "Conversa ao pé do rádio", levado ao ar na mesma sexta-feira, e afirmou: "Ele mostra que quer promover a conciliação e o diálogo".

"Eu me comprometi a continuar tendo a virtude da paciência e da determinação, para prosseguir a transição democrática. Jamais perderei essas virtudes", prometeu o presidente, uma semana depois de haver criticado duramente os trabalhos da Constituinte. "Essas palavras e a mudança de tom mostram que o presidente está determinado a acatar as decisões da Assembléia Nacional Constituinte", afirmou o assessor.

As vésperas de uma semana que poderá ser decisiva para o seu governo e para o País, as palavras do presidente Sarney não foram a única tentativa de conciliação. Em visita à região de Missões, o comandante militar do Sul, General Edison Boscacci Guedes, afastou a possibilidade de uma intervenção militar

neste momento — segundo informou a Agência Globo — e considerou "normal", numa democracia como a do Brasil, que haja descontentamentos.

No Congresso, outra voz se elevou em favor do diálogo. Num manifesto curto, que será aberto a adesões, o senador paraense Jarbas Passarinho, do PDS, também conclamou os políticos ao entedimento: "Avulta, pois, a responsabilidade dos políticos, de cuja conduta depende o êxito ou o malogro de tal projeto político", diz o manifesto, segundo relato da editora Ana Cristina Magalhães.

(Ver página 6)

O presidente José Sarney foi "induzido" pelo então ministro Aníbal Teixeira, do Planejamento, a assinar atos administrativos envolvendo recursos públicos que supostamente estão irregulares — afirmou o ex-secretário-geral da Seplan, Michal Gartenkraut, em depoimento à CPI da Corrupção, no Congresso, na sexta-feira.

(Ver página 7)

ANC P1

07 MAR 1988

GAZETA MERCANTIL

Avul  
X